

album do bicho

album do bicho 74

Aos nossos mestres

Pela espontânea compreensão
nos dias sombrios e sonolentos do tro
te o nosso mais solene e sincero agra
decimento.

E aos veteranos...

e aos veteranos...

Pelo alto e expansivo espírito de ca
maradagem...

Pela preocupação maternal com nossa
higiene...

Pelas excelentes aulas de canto...

Pelas saudáveis jornadas noites aden
tro...

Pela ordem que sempre procuraram man
ter em nossos quartos...

Pelo sacrifício de seu sono em prol
do nosso...

Pelos inocentes jogos nas horas de la
zer...

Pela união na consecução de um objeti
vo único...

Requiescant in Pacem.

Amem.

Este álbum é uma homenagem aos colegas nossos que aqui não estão.

Esperamos que a imagem deles - na nossa memória não morra tão cedo. E que mesmo agora, neste momento de alegria e festa, sobre um lugar para eles.

E que mesmo daqui a cinco anos, quando vocês estiverem saindo, ainda se lembrem daqueles que ficaram pelo meio do caminho.

Eles, muito mais do que nós, me recem essa homenagem.

Lista dos Bichos

Adael WOODS de Carvalho Filho
ADALBERTO Belluomini
Adolfo Tadaiki SHIBA
ALMIR Cavalcanti Lemos Filho
Alvaro Prieto OLIVA
Antonio José Fransisco SCHMITT
ANTONIO LOPES Filho
Antonio Roberto BARROS
Armando Zeferino MILIONI
Benedito José PONTES PARENTE
Carlos AGUILAR Junior
Carlos Henrique BRITO Cruz
CELSO Luis de LIMA
Claudio Roberto F. da Rocha PITTA
Constantino SEIXAS Filho
DARIO Amigo Samprón
DILMER George Silva
DINO Ishikura
DOMINGOS Savio Carvalho Pereira
EDGARD Pinto Ferreira Filho
EDNER Andrade Neves
Edson ASLAN
Eduardo BALSTER Martins
Ernesto Cordeiro MARUJO
Eurípedes BARÇANULFO Amaral
EVANDRO Braga de Oliveira
FERNANDO Lopes de Abreu
Flavio Henrique Silva CAMPOS
FRANCISCO Antonio Silva de OLIVEIRA
GILBERTO DE LIMA
Haroldo Rolim COSTA LIMA Junior
Helio IKEDO
Henrique HIROSHI Kanematsu
Jacques Roberto LAFOSSE
JIRO Hashizume
João DE CARVALHO
João DIERE Nunes
JORGE Fukuda
Jorge Luiz COLNAGHI
Jose ALFREDO de Castilho L. da Costa
José Andrés RONDÁN
JOSE ANTONIO Maurício
José Gaspar Prado Rezende
José Luiz Rocha BELDERRAIN
José Manoel A. PAULA PESSOA
JOSE MÁRCIO Martins da Cruz
JULIAN Jaime Cervantes
Julio Cesar TAMBASCO de Oliveira
JULIO WILSON Ribeiro
KEVIN Theodore Fitzgibbon
LAURO Roberto Albrecht Ramos
Leandro Vicente Fernandes MANIERO
Luis Geraldo ROCHA de Carvalho
Luiz Antonio GINATTO
Luiz Fernando ATALÉCIO de Araujo
Luiz Toshihiro MASSUDA
MARCIO de Rezende Costa
Marco Antonio TOLOMEI B. Miguel
MARCOS Antonio Cardoso Cruz
Mario KIYOTO Yotoco
Mario Lucio MINAS Assunção
Mario NAKAHARA
TOCK
DUM-DUM
LENA
RAGE
AZEITE DE
HARADO
AGA
JÃO D'
FILE
RIO-NITERÓI
DOCILAR
ZECA
CABO
NAVIO NEGREIRO
O QUE DEUS QUIXER
63,5
IPERFUMOSA
ÇAURO
E FERIADOS
ENVIAD
VOZINHO
PÃO
CANTO SÉTIMO
DECALOUCA
RECO
VOLEI
LANDÃO
BAT MASTERSON
HERMANN
ZÉ RODRIG
EM
BRIN
MAMEU AMOR
EXISTENCIAL
SCÓPIO
TONEL
ÉIA
VERINHA
DIALKATRÃO
RENTO
PROJETO
DISSIDENTE
PLUFT
DONZELO
CALANGO
CHAMBOURCY
ROMAN E
CANTADO
POPI
TREPA
MR. MXYZPTLK
SÓ
AINDA SÓ
TOBRIGIDA
ELEFANTINHO
MAPORTE
IÇUARVI
PERDIDO
MILIAKA
ISTORÔ
PEDRO BÔ
CANTO OITAVO

Marinho VERTAMATTI	GELADO
Mauricio BRETTERNITZ	BRASILIT
Mauricio PAZINI Brandão	KOHOUTEK
Mauro HASHIOKA	AVIDALINHA
MILTON Filgueira da VILA	SÉSAMO
MITSUO Mario Chigutti	BICHO
Nehemias Lima LACERDA	CARLOS
NELSON DE SOUZA	BISKITIU
Nelson ITHIRO Tanaka	AO ALVO
OLYMPIO de Andrade Junior	OSUJIO
OSEAS Elias Heckert	DIVERTIDO
Oswaldo CATSUMI Imamura	SEM-FIM
Oswaldo SANSONE Rodrigues Filho	DALILIS
Paulo Cesar Louzar VILLAÇA	CABISBUNDO
Paulo CESAR TORRES	FRIADO
Paulo Domingos GALINDO Junior	GA
Paulo Lício de GEUS	K
Pedro Jorge de Castro VIANA	LE
REINALDO Araujo Andrade	RIQUINHO
Renato Hyuda de LUNA Pedrosa	CHEIA
Renato Mello ZANETTA	MA
Ricardo de Oliveira ANIDO	HIGROSCÓPICO
Roberto de Alencar LOTUFO	LEIA E ASSINE OPINIÃO
Roberto GREGORI Junior	BIG BOY
Roberto Junhitiro NAGAMORI	BIS
ROBERTO MAGALHÃES	BRIG BROTHER
ROBERTO Neves de Freitas	NABLA
Roberto Pereira CALDAS	PESSEGUEM
Roberto TSUSTSUI	PHRUSTSUI
ROBINSON Rosário Pittelli	KUSOE
RODRIGO Aguiar de FIGUEIREDO	IVAN LINS
RUBENS de Melo Marinho Junior	LUIA II
Sergio Bittencourt VARELLA Gomes	RAINBOW
SERGIO COSTA Vieira	NOSTRA
Sergio FRASCINO Muller de Almeida	XODÓ
Sergio de SOUZA AGUIAR de Carvalho	HOSPITAL
Sidney TSUCHIYA	DE MILLUS
SILAS Roberto Jacobson	AX
TIBURCIO Fransisco do Nascimento Filho	R — C — R
UDO Fenzl	CHIFRE
VENANCIO Alvarenga Gomes	PAIDÉGUA
WALTER Figueiredo de Souza Junior	WANKEL
Walter KENKITI Takahashi	MANJOU
Washington MIO	DÓ RÉ
WERNER Tadeu Muller	VON BRAUN
Wilson Tadeu PIZZATO	TOTÔTO

Mother Nature

Hoje algo de estranho aconteceu.

De repente era como se eu estivesse acordado naquele instante, para uma vida nova. Como era estranho. Comecei a me concentrar em cada um dos meus órgãos sensoriais. O que eu via era um chão negro estreito, infinito. O tempo estava carregado, numa neblina constante que formava o espaço embaçado numa cinza triste. O silêncio era tão perfeito que eu sentia os ouvidos e a cabeça como um vácuo perfeito, um vazio.

Eu já caminhava, sempre para a frente seguindo a vereda. - Sim havia uma vereda, um caminho a ser seguido. Eu quis parar, voltar, não consegui.

Meus passos não eram mais firmes, escurecia rapidamente. Que loucura... Tudo isto eu estou vendo, sentindo e ouvindo, eu não estou bebado.

Tudo vai se tornando esponjoso à minha volta. É como se eu estivesse no meio de uma nuvem negra. Que solo feito de uma composição de gases. Mas ele não cede. Como é engraçado.

Comecei a sentir medo disso tudo, louco de vontade de jurar que nada daquilo acontecia realmente. Suava frio, gelado, tremia.

Mais uma vez, desesperado, tentei parar, voltar, gritar - gritar... Nem minha própria voz eu ouvia. Eu já estava cansado, surdo, cego, louco, amedrontado, chorando, agonizando minha mente caído.

Como que me arrependendo de um pecado mortal me ajoelhei e gritei: Meu Deus, dai-me a paz, eu preciso descansar. De repente eu parei, sentei, deitei, descansei. Deus existe, sim Deus existe, ele me ouviu, ouviu.

Sorri de contentamento, já quase acreditando que aquilo era realmente um pesadelo. Deitado comodamente dormi e sonhei. Meus estados oníricos refletiam história, fatos. Muito coerentes, por sinal pois era a própria imagem do conhecimento humano.

Vivi como um homem das cavernas, como um faraó do Egito, como um soberano de terras de Mesopotâmia, fui Carlos Magno, Nabucodonosor, o Grande, Hitler, Mao-Tsé-Tung, Lin Piao, Brejnev, Nixon, vivi como um mundo que nasceu unido, foi dividido, reunido e que caminhou para um caos total novamente.

Acordei ouvindo algo. Que sussurro. Parecia uma melodia, sim era uma melodia, vinha de longe mas tinha sabor de esperança. Era uma voz muito suave, de mulher.

Espantei-me ao olhar para mim mesmo, pois eu estava completamente despido. A voz se aproximava rapidamente, tentei fugir... - Tarde demais. A minha frente estava uma bela senhora com um lindo vestido branco e sorrindo. Envergonhado, cobrindo-me com as mãos perguntei quem ela era e de onde vinha. Ela me olhou docemente com seus lindos olhos e disse: Eu sou sua vida, sua morte, viva agora a maior parte de sua vida. Você agora tem oportunidade de amadurecer. Sou sua MÃE NATUREZA.

Deus meu perdoai-me por ter fugido de vós e de mim mesmo. Sei que morri. Fui pobre porque sempre quis ter o que nunca conseguia, fui ambicioso a ponto de prejudicar um meu semelhante, fui hipócrita.

Domingos

Os Habitantes do "Barco"

Era uma vez um barco e nesse barco havia uma porção de carneirinhos. Sô que esse barco estava no meio do oceano; todos estavam lá, não sabiam de onde vinham, onde estavam e muito menos ainda para onde iam.

Mas não havia qualquer interesse deles por isso, para que saber? Isso de nada mudaria o rumo que haviam tomado.

De repente, um deles, o mais velho, pulou na água. Então todos os outros pularam atrás dele. Porque? Como é que eles podiam saber? Um havia pulado, ora, ele devia saber; e todos os carneirinhos, branquinhos, carneiros, foram levados oceano abaixo. Estariam eles contentes?

Quase morreram afogados, alguns ultrapassaram o quase.

Foram (os que sobraram, óbvio) salvos, não se sabe como. Depois que estavam todos reunidos, um dos carneirinhos (não deveria ser dos mais espertos) fez a seguinte pergunta ao que pulara primeiro:

- "Porque o Sr. pulou na água?"

Os outros ficaram horrorizados com semelhante pergunta imbecil. Será que ele precisaria justificar?

Ora, não se deveria discutir a atitude do mais velho. Ele certamente sabia o que fazia.

Mas mais espantados ainda ficaram com a resposta:

- "Eu não pulei. Cai!".

Reinaldo / Colnaghi / Oliva / Viana
Roberto Magalhães / Ithiro

O Suplemento

Fazer a crítica do SUPLEMENTO é algo relativamente fácil, porém é difícil encorajar-se a expor as deficiências encontradas devido ao receio de magoar aqueles que em número tão reduzido se esforçam e-xaustivamente por apresentar algo bom, útil, que atraia a atenção dos colegas.

Devo ressaltar inicialmente a incrível falta de colaboradores que o jornal vem tendo, motivo de muitas crônicas e editoriais. O álbum e Jornal do Bicho, publicações efêmeras, demonstram o potencial de participação de vários alunos mas são terrivelmente poucos os que se dispõem a ajudar.

O que deve ser feito para alertar consciências, honestamente eu não sei!... Então, para que as ponderações posteriores tenham sentido, suporei o problema acima resolvido e analisei o que "poderia" - ser feito.

A começar pela capa, considero-a aleatória, sem sequência lógica, com uma disposição ineficiente, pouco atrativa.

O número oscilatório de páginas, a distribuição equivocada de crônicas e temas revelam a dificuldade e inexatidão com que é feito o Suplemento, "coisa de última hora". Por exemplo: em algumas edições o Penthelius aparece muito, em outras simplesmente foge.

Paradoxalmente, em minha opinião, se o Suplemento fôsse um pouco "quadrado", "convencional", seria melhor. Explico: acho contraprodutivo a ausência de colunas, seções, pois "ninguém" sabe o que o espera na próxima edição, não há expectativa.

Exemplos de artigos possíveis:

a) Coluna sobre cinema - crítica de um filme que será ou foi exibido no Cinema do CTA (análogamente para uma peça teatral).

b) Entrevista - poder-se-ia fazer um "check-up" de professores, diretores e alunos.

c) Uma parte "colada" de um jornal ou revista - um artigo atraente, importante ou curioso, de preferência curto, sintético.

d) Como "pouco se cria, muito se copia", poderia haver algo dentro do espírito do "Cafézinho" do ITA-Engenharia.

e) Artigos independentes, livres - "surpresas" que correm ao que está sendo feito.

f) Uma seção de livros (tecnologia, romance, filosofia) - indicação, crítica, resumo, dica - um aluno qualquer ao ler um livro poderia fazer anotação e enviar sua colaboração.

g) Uma parte humorística, irônica ou satírica, envolvendo fatos pitorescos sobre alunos, professores, etc. ou ainda sobre coisas não relacionadas com a escola.

h) Um cantinho dedicado a desenhos - coisas do tipo Penthe lius, historietas em quadrinhos e similares.

i) Um editorial - isto é feito sistematicamente. Espera-se que os editoriais possam ir além de comentar a falta de colaboração.

j) Etc...

Seria bom que a publicação fosse pontualmente mensal.

Pelo que foi exposto até aqui, pode suscitar a impressão de que os Suplementos publicados foram quase que inúteis, incapazes, e então eu me apresso em refutar essa idéia alegando que houve muita coisa boa publicada, embora desordenadamente e aproveito para cumprimentar a todos que lutaram para que o Suplemento continuasse respirando, ainda que desastrosamente.

As idéias sugeridas, se forem consideradas aplicáveis, dependerão estritamente de um grande número de participantes, cada um preocupar-se-ia com um "detalhe".

Mas como engajar elementos para esta causa? Eu continuo não sabendo...

Nelson de Souza

Crônica de Saudades

Morreu José Roberto.

É mais um amigo que perco.

Não sei quando nasceu; desde que compramos a casa já estava cuidando do jardim e deixamo-lo ficar.

Foi o mais arreado de todos os meus conhecidos. Não chegava a ter mau caráter, pelo contrário, mas sua aparência, aos olhos das visitas, era nojenta e, com o tempo foi dispensado, por ele mesmo, da horrível tarefa de pedir-lhe que fosse para atrás da casa.

Mesmo depois de ter resolvido se afastar de todos, não deixava de se esgueirar pelo lado das mangueiras a fim de saciar seu eterno fascínio por festas e caras novas.

Zé Roberto era um imóvel defensor do jardim. Se este é hoje elogiado, deve-se ao pobre Zé, tantas vezes repreendido à noite limpando este ou aquele canto do gramado.

Não era de conversa meu amigo, entretanto nada que se movesse escapava à sua observação. Também não primava por delicadeza apesar de seus olhos enormes carregarem uma tristeza tão grande que não deixava lugar para grossura.

Com o passar do tempo, Zé Roberto ia percebendo que nunca seria aceito na sociedade e cada vez menos saía do seu buraco - cada vez menos se via o Zé interessado por alguma coisa que não fosse o jardim.

Uma noite, as estrelas pareciam querer dizer alguma coisa e, então, sentei diretamente abaixo delas esperando compreender suas mensagens. Pois aí apareceu o Zé. Amigável como poucas vezes, deixou-me inclusive dar-lhe alguns tapinhas nas costas. Não dizia nada e só muito depois percebi que não era alegria, era ansiedade. Algo muito amargo o atormentava; algo estranhíssimo o consumia.

Amanheceu morto.

Morreu José Roberto.

Eu sei eu deveria tê-lo consolado, deveria ter falado com ele. Mas neste ponto não tenho culpa porque, sinceramente não sei falar com SAPOS.

Galindo

CONDIÇÕES IDEAIS DE VIDA NO ITA

Falar de uma escola ideal na maioria das universidades brasileiras seria bem mais difícil. No ITA muita coisa já é realidade, isto porém não justifica que não tentemos suprir as deficiências importantes ainda existentes.

De início poder-se-ia instituir um esquema de frequência - livre baseado na disciplina consciente. As condições de aproveitamento dos alunos poderiam ser ampliadas com essa atitude. Os problemas decorrentes da carga horária seriam amenizados.

Urge uma mudança no sistema de aula teórica, as cópias de matéria deveriam ser evitadas ao máximo. A participação dos alunos na aula em termos de discussão, debate, é bem importante e mereceria ser muito mais incentivada. Reconhece-se o interesse dos mestres mas precisamos de um maior entusiasmo, que elimine a passividade e omissão dos alunos.

Quanto ao CPOR seria ideal a liberdade de opção. A sinceridade deveria ser algo mais palpável, a psicologia de ensino mudada. Apesar dos fatores mencionados, reconhecemos que o CPOR exerce papel importante na resolução de problemas financeiros dos alunos e também na regularização da situação militar de muitos alunos.

Seria ótimo a ampliação das especialidades de engenharia - aqui existentes; Mecânica, Aeronáutica e Eletrônica, acreditamos, - não preenchem satisfatoriamente o ideal de formação de muitos alunos.

Nelson de Souza / Dario / Costa Lima
Nakahara / Barros / Schmitt / Werner
Varella / Tsuchiya / Hashioka

Monotonia

Um domingo qualquer, oito horas da manhã.

Um senhor já bastante idoso, chapéu de feltro, terno bem engomado, gravata borboleta, lenço com dobras picotadas no bolso do paletó, desfila calmamente ao lado do parque. Dono da atmosfera, respira profundamente com a cabeça erguida e a certeza de nenhum desafio. A vida lhe era um livro aberto. Conhecia de cor grande parte da Odisséia de Homero, fora funcionário da Central do Brasil por 40 anos. Largara o emprego de auxiliar de escritório de uma firma comercial para ingressar como um simples secretário na Central. Daí galgou os postos vagarosamente chegando até a Chefe da Seção de Pessoal, coisa de muita importância. Seu tótem era uma máquina de escrever. Seu computador o relógio de ponto.

Na sua mocidade servira de Cabo Eleitoral a muitos coronéis importantes senhores de grandes cafezais, mas nunca recebera nada em troca. Agora caminha tranquilo, vai até uma banca de jornais e continua seu caminho: braços abertos e um jornal estendido entre eles. Lia uma folha e a deixava seguir livremente seu caminho. "Jornal lido, jornal gasto, talvez pensasse".

Era sempre assim. Todas as manhãs de domingo acordava cedo, assistia a missa das seis e seguia caminhando pela avenida até um café tradicional numa das esquinas de maior movimento. Ali encontrava seus velhos amigos todos vestidos como ele, alguns usando monóculos e bengalas. Aqueles eram seus amigos de verdade. Sabiam como ele, apreciar antigas recordações. Falavam de velhos jogadores de futebol, velhos políticos, dos carnavais antigos, retirando a poeira de tudo aquilo que guardavam consigo há tanto tempo. Daí é que se guiava para o parque e após ler o jornal sentava-se num banco para apreciar as crianças brincarem com balões.

Ontem eu soube por um pipoqueiro do parque que o velhinho havia morrido. Fora atropelado por uma moto quando se dirigia para casa.

Não deixou herança, apenas honra e lealdade conseguidos - nos longos anos de trabalho. Há na vida desse velho uma melanconia que me aflige profundamente. Não sei o que é.

Seixas

Entrevista - Prof. Pio Lobo

Nome e local de nascimento.

Pio Caetano Lobo, de Bombaim, costa ocidental da Índia.

Fale sobre seus estudos.

Estudei na Índia até a Universidade fazendo o curso de Química, depois fui para a Inglaterra fazer Engenharia e Pós-graduação. Trabalhei alguns anos como engenheiro e depois vim para o Brasil, onde estou há seis anos.

Qual a sua especialidade aqui no ITA?

Termodinâmica e máquinas térmicas.

Como o senhor fez estudos universitários no exterior, queríamos uma comparação entre aquele ensino e o ministrado aqui.

A estrutura de ensino nas Américas eu não conheço muito bem mas eu acho que nosso ensino é para produzir individualistas, pessoas que não pensam muito na comunidade, que vêem na Universidade a chance, o cartão de entrada para a elite. A escolha do curso ou da escola não visa o interesse do aluno mas simplesmente a que daria maior salário, a que daria a maior possibilidade de subir na vida.

Isso é quanto ao ITA especificamente ou às Universidades em geral?

Eu não conheço muito bem as outras Universidades do Brasil, pelo pouco tempo que passei aqui, mas vendo e tendo contato com outros alunos parece que o ITA não é exceção.

Sobre o atual sistema e estrutura de ensino do ITA, o que o Sr. acha dela, ela atende realmente à formação de um bom engenheiro?

Isso acho que depende da definição de engenheiro. Pela minha definição, não.

Então qual a sua definição de engenheiro?

Engenheiro seria uma pessoa que pudesse pegar um problema que não foi resolvido antes e resolvê-lo, podia pegar um problema específico do Brasil e resolvê-lo. Um engenheiro normal do ITA não sabe fazer isso. Por isso nós temos que comprar "Know-how" porque só se aprende como copiar e não a projetar ou inventar. E nesse sentido talvez o italiano seja melhor que os outros porque até que ele sabe copiar e os outros nem isso sabem.

O Sr. acha que essa deficiência está baseada no material humano? O que o Sr. acha do material humano aqui do ITA?

O material humano acho que é razoável. Claro que eles vieram já com as deficiências do sistema educacional do ginásio ou do colégio. Mas mesmo assim poderia ele ser recuperado se se tivesse um sistema diferente. Um sistema que desse mais responsabilidade para o aluno e que o aluno percebesse que responsabilidade é direito e também deveres.

Já que as nossas faculdades não preparam convenientemente engenheiros, no caso do ITA que modificações deveriam ser introduzidas para melhorar essa situação?

Acho que talvez uma redução das normas secundárias, por exemplo a questão da frequência obrigatória. Porém, quando se fala nisto todo aluno diz: "Puxa, excelente, a frequência não é obrigatória, a frequência é livre", Porém junto com este direito vem um dever. Vamos dizer se um aluno tirar zero numa prova, é zero, ele não tem apelo. Ele não poderá dizer: "Não, em não estava na aula por isto ou por aquilo". Ele tem de levar a responsabilidade de sua decisão. Se não assistir as aulas e não passar, azar dele, é problema dele. Quando eu comecei o curso profissional, no primeiro ano, eu tinha trinta colegas. Quando eu estava no quinto ano, éramos oito. Os outros, simplesmente não passaram em exames.

Qual a situação atual do campo da mecânica especificamente?

Temos perspectivas excelentes, porém toda estrutura segura a pesquisa sobre energia solar, poluição, tendo verba razoável, ainda é

difícil conseguir uma equipe devido aos problemas particulares de cada um. E isto dificulta bastante o progresso da equipe. Se uma pessoa começa a ter dificuldades, abandona a equipe, abandona a pesquisa. E como todos sabem, há ainda os problemas burocráticos do Brasil, o de qualquer instituição brasileira.

O Sr. falou sobre energia solar. Diga o que está sendo feito nesta área aqui no ITA atualmente. Está sendo feito algo de inovador? Bem, nós estamos projetando um secador a energia solar e um destilador para produzir água potável. Estamos também tentando construir uma bomba de água para elevar água de grandes profundidades.

Esse é um projeto original, sem similar no mundo? Já existem similares fora do Brasil. No Chile, talvez o primeiro país no mundo no campo da destilação, pois ele tem falta de água doce. Eles já começaram há quase cem anos atrás. Há ainda vários outros dispositivos na Índia, Austrália, Japão, Estados Unidos e agora também na Europa.

Então esse projeto do ITA é uma tecnologia copiada? É copiada no sentido de que qualquer coisa é copiada, mas não é copiada no sentido de que vamos comprar o "know-how". Se copiarmos, vamos pegar um dispositivo feito em outro lugar e ver como esse dispositivo pode ser melhorado. É exatamente o que estamos fazendo com os destiladores, por exemplo.

Prof., nós gostaríamos que o Sr. falasse sobre a situação atual do mundo, já que o Sr. já passou por vários países. Acho que o mundo está mudando, principalmente agora com o boicote de petróleo feito pelos árabes, demonstrando que não é a industrialização a chave do desenvolvimento, mas simplesmente uma reunião dos países para exigir um preço alto para os produtos. Até agora, só os países industrializados conseguiram fazer isso. Mas os árabes mostraram que os países não-industrializados também podem fazer isso. Não é uma questão de escolher o produto agrícola ou o produto industrializado, ser um país agrícola ou um país industrializado, mas sim produzir algo que o resto do mundo quer e se juntar com os outros países que produzem esta mesma coisa e definir um preço que o país ache razoável, e os outros simplesmente terão que pagar este preço.

Então o Sr. acha correta esta pressão que os árabes estão fazendo? Do ponto de vista dos americanos e europeus é perfeitamente correto. É exatamente isto que eles vem fazendo nos últimos séculos, pelo menos.

No fim do século passado havia uma mentalidade de que a ciência já havia feito tudo, que não havia nada mais a descobrir. Atualmente esta mentalidade está bem mudada. Na sua opinião quais são as perspectivas atuais da ciência?

Bem, eu acho que agora a ciência tem de se justificar. Até agora o cientista podia trabalhar sozinho, apenas para aprender, para ganhar conhecimento, sem ver onde este conhecimento seria usado. Mas agora está pedindo tanto dinheiro e conseguindo coisas tão poderosas, resultados que poderiam ser usados para o bem ou para o mal, que muitas pessoas estão começando a perguntar se os cientistas merecem esta verba para aplicarem simplesmente nos campos que eles próprios decidem. A sociedade está querendo decidir onde este dinheiro está gasto. Se o cientista quer trabalhar no campo dele, que trabalhe por conta própria. Se os custos serão pagos pelo Estado, o Estado tem um certo direito. A dificuldade naturalmente é definir que é Estado, que é sociedade.

Numa prova de conhecimentos gerais da Escola Politécnica da USP foi proposto o seguinte tema de redação: "O que é mais importante para o homem: a corrida espacial ou o transplante de coração?" Abordando este tema o que o senhor acha de mais importante para o homem, na continuação da pesquisa?

Eu acho que os dois são problemas secundários. Os dois podem produzir efeitos colaterais, mas no caso do Brasil, por exemplo, pesquisas de doenças tropicais específicas da região são muito mais importantes - do que pesquisas de coração artificial ou transplante. O coração artificial e o transplante atingem uma camada muito pequena da população. No Brasil existem muitas doenças tropicais que não estão sendo estudadas em lugar nenhum do mundo, e que deveriam ser mais pesquisadas aqui.

O senhor disse que estas pesquisas são problemas secundários aqui no Brasil. Isto se aplica também a países como Estados Unidos e Rússia? Provavelmente sim. Os Estados Unidos e a Rússia poderiam gastar muito mais dinheiro na eliminação da miséria no mundo. Foi calculado que se os Estados Unidos tivessem gasto o que gastaram no Vietnam em projetos honestos de desenvolvimento já teriam acabado com a fome e grande parte da miséria. Ao invés disto gastaram este dinheiro no Vietnam, que além de ser um desperdício provocou muitos danos. Há médicos que acreditam que serão precisos vinte anos apenas para tratar dos doentes da guerra. Pessoas que foram mutiladas, pessoas que sofrem de doenças psicológicas, problemas de infecção por maltratamento de feridos, que irão sofrer o resto da vida. Enfim, é um alto custo que vai continuar mesmo depois da guerra.

O senhor acredita na eminência de uma terceira guerra mundial Uma guerra aplicando artefatos nucleares? Provavelmente, não. As próximas guerras deverão ser mais internas. Serão revoltas dos povos contra os pequenos grupos que decidem o que é bom para o povo. Estas guerras já começaram nos Estados Unidos e há sinais de início de revolta na Rússia também. Na Europa já começou. Eu acho que na Europa e Ásia a coisa já está encaminhada. Não acho que este tipo de governo que conhecemos vai durar além deste século.

O senhor acredita então em transformações na forma de governar? Eu acho que sim. Está chegando a um ponto que nas Universidades e centros de pesquisas começa-se a acreditar que o sistema de centralização está errado.

Dentro desta evolução dos governos, qual será na sua opinião, o novo estágio da forma de governar?

Será um tipo de governo muito mais humano no sentido de que todas as decisões que puderem ser tomadas por pequenos grupos vão ser tomadas por pequenos grupos. Por exemplo, se uma escola quiser contratar um professor, não precisará da assinatura do presidente da República. Será algo muito mais local. Uma prefeitura não fará coisinhas que poderão ser feitas por pequenas comunidades. Nós conhecemos aqui mesmo em São José algumas vilas afastadas da cidade que não tem água encanada. A prefeitura não instala porque acha que não é econômico e ao mesmo tempo não permite que as pessoas instalem porque só a prefeitura pode instalar. Você vê que é uma posição irracional. O problema é que o sistema burocrático foi colocado acima do indivíduo.

A burocracia está então predominando sobre o indivíduo?

Exatamente. Inclusive há economistas que dizem que o problema hoje em dia não é o problema do comunismo, do capitalismo, do socialismo. O problema é da burocracia ou não. Toda a burocracia depois de um certo tempo toma sempre a mesma forma, tanto pode ser nos EEUU como na China.

Ainda dentro deste tema o senhor acredita que há possibilidade de uma revolta popular na Rússia contra o regime opressivo aí existente? Eu acho que já está havendo uma certa revolução. Esta revolução é mais ou menos paralela à revolução nos EEUU. Sempre que pensamos em regime opressivo, pensamos na Rússia, o que não significa que o regime nos EEUU seja livre.

O senhor acredita então que não é acertado o governo ter uma despesa tão alta com um aluno do tipo do aluno do ITA?

Não sei se devia ou não devia. O problema é que há algo furado na es

estrutura que não permite ao aluno ver que tem uma dívida para com a sociedade. O aluno não vê isto. Fala como se aqui fosse uma Fernando de Noronha e estivesse pagando uma pena e portanto devesse ser recompensado depois de sair. Não é nada disto. São gastos com ele cerca de 30.000 dólares e eu acho que deveria ser cobrado depois de alguma maneira. Digamos que ele tivesse de fazer um serviço não militar, mas sim social. Teria de trabalhar dois ou três anos numa região que estivesse precisando de engenheiro, ou fazer algo semelhante.

Então o senhor é a favor de que o aluno do ITA após terminar o curso deveria ficar alguns anos a disposição do governo a fim de retribuir o que receber aqui?

Eu preferiria que esta escolha fosse livre. Que o aluno sentisse a necessidade de fazer algo para melhorar a sociedade e que não fosse forçado a fazer isto. No início, porém, é bem provável que ele teria de ser forçado a fazer isto.

Então, pelo que disse, o senhor acha que existe uma grande distância entre o engenheiro e o resto da população?

Existe. Inclusive há trabalhos feitos pela UNESCO, que visitou vários países que concluiu que em muitos países menos desenvolvidos o sistema educacional secundário está prejudicando estes países.

Prejudicando em que sentido?

Prejudicando no sentido de que a distribuição de renda está cada vez pior. Está criando desemprego, o que vai acontecer logo no Brasil. São pessoas que não têm o que fazer. Não significa que não se necessita de engenheiros, psicólogos ou cientistas sociais. A estrutura que foi importada não permite o uso destas pessoas. O tipo de educação não permite ao engenheiro, por exemplo, fazer nada para a sociedade. Nós produzimos um excelente engenheiro americano. Por isso, quando eles vão para os EEUU ficam muito felizes. Foram treinados para isto.

Professor, há algo mais que o senhor queira acrescentar a esta entrevista? Alguma mensagem aos alunos do ITA?

Acho que eles deveriam, principalmente aqueles que serão professores, procurar descobrir a verdadeira finalidade da Universidade, como poderia ser mudada a estrutura da Universidade para produzir "seres humanos", e usar este tempo agora para pensar, porque depois que saírem daqui vão entrar na corrida do dinheiro e não vão mais pensar.

*** Dario / Ithiro / Balster

existir

Existir não é
só
O simples viver
mas sim
O livre respirar
o verdadeiro respirar
O livre ouvir
o puro ouvir
O livre tatear
o real tatear
O livre ver
o correto ver
O livre pensar
o inadiável pensar
Mas por enquanto
contente-se
só
com o
livre vegetar

Gilberto de Lima



CURSO
CASD aqui
se ensina

AGRADECEMOS À COLABORAÇÃO DO
curso casd
QUE TORNOU POSSÍVEL A CONFEC
ÇÃO DESTA ÁLBUM.

Caso

Caso você consiga
Vencer a borboleta
Derrotar os baobás
Sobrepular o inferno
 Você estará perdoado

Caso você destrua
O canto róseo das
Fábricas ensolaradas
Das luas alaranjadas
 Você estará eleito

Caso você enfrente
O brilho incrível das trevas
E consiga retirar o
Fogo abstrato do sol
 Você estará canonizado

Caso você encontre o
Seu eu, sem que atinja
O nirvana, sem que use
Do vermelho da vida
 Você estará endeusado

Gilberto de Lima

**totalmente
acrobático ?**

**SOCIEDADE
CONSTRUTORA
AERONÁUTICA**



Basicamente quer dizer que o UNIVERSAL T-25 pode fazer todas as manobras de acrobacias aéreas sem limitações (quem já viu um "show" do UNIVERSAL T-25 sabe disso. E quem ainda não viu, verá).

Também significa o coroamento de um projeto bem bolado, adequado, de sucesso (a propósito, projetado no país).

Representa ainda ter passado por rigorosos testes de homologação onde resistiu a esforços - muito além do que viria a precisar na prática.

Em outras palavras, isso também significa - uma enorme confiabilidade já que o fator segurança foi uma das primeiras preocupações da NEIVA - ao projetar e fabricar o UNIVERSAL T-25.

Agora, o UNIVERSAL T-25 entra em serviço na FAB. Para formar novos pilotos militares. E fazer jus a esse milagre brasileiro que já está fazendo do país palco de uma Exposição de Aeronáutica e Espaço.

UNIVERSAL - projeto e fabricação da **neiva**

Métodos de Ensino

Ao que parece o nosso querido Instituto Tecnológico da Aeronautica parou para ver a banda passar. A banda passou e o ITA continua parado. Parece inacreditável que em 1974, quando se fala tanto em reforma do ensino e novos métodos didáticos, ainda existem escolas que adotam o sistema antiquado e maçante das aulas expositivas. Aqui no ITA entretanto, a aula expositiva é uma lei fixa, imutável, tida como universal.

Os nossos mestres não tem tido tempo de sair fora do CTA. Se um dia o fizessem, ficariam abismados. Já existe (há mais de 20 anos) algo chamado Estudo Dirigido que auxilia muitos estudantes não iteanos. Existe também um negócio que lá fora se chama Estudo Orientado. Por esse processo os professores não precisam repetir para os alunos o que já está escrito no livro. Os alunos de lá de fora sabem ler.

Eles estudam o assunto antes da aula e o professor faz o papel de orientador tirando dúvidas. Exercícios resolvidos em grupo durante as aulas facilitam muito o trabalho do mestre. Ele não precisa dizer aquilo que todo mundo já sabe. Ele ensina o que os outros não sabem.

Eu também já ouvi dizer que em certas universidades federais do Brasil e até em seus respectivos Centros Pedagógicos existe um sistema ideal de Departamentos onde os professores se reúnem e decidem o programa que será dado por todos eles para todas as turmas.

Lá fora não acontece o desagradável fato de dado professor ensinar uma teoria distinta sobre propagação de erros porque todos os mestres se reúnem antes e optam por uma única teoria.

Em outros lugares existe até especialização de trabalho, há rodízio de professores. Assim, se o seu mestre é cacete e o da outra turma só dá aulão, voce não fica por baixo porque na outra semana a situação se inverte. Se um nosso amigo do Depto. de Química é cobrão em Estrutura Atômica, ele estuda o ano todo para dar aula de Atomística durante o período necessário, Físico-Química voce aprende com o cara que é bodoso pacas no assunto.

E por aí vai. Idéias ao que parece, não tem faltado e universidades bem menos ricas em laboratórios, recursos e professores, tem proporcionado aulas bem mais agradáveis e úteis aos seus alunos.

É uma pena que nós também não pertençamos ao domínio da função.

Brito / Oseas / Vertamatti / Seixas
Zanetta / Pazini / Dilmer

Entrevista - Economia SJC

Esta entrevista surgiu de um engano. Quando dispostos a entrevistar o pessoal da FAU, enfrentamos uma série de obstáculos "naturais" para chegarmos ao local onde funciona a Faculdade de Arquitetura (período diurno) e a Faculdade de Ciências Econômicas (período noturno). Sabe, quando a gente chegou lá era noite.

Dáí, nós topamos com um cara, que por coincidência era o presidente do Diretório Acadêmico da Economia: um cara chamado Roberto José da Silva. Se alguém gosta de entrevistados excêntricos, esse não era um. Era um jovem normal do terceiro ano de Economia.

Segundo suas palavras, o que atrai uma pessoa a cursar Economia é um campo de trabalho diversificado, que dá oportunidade de realização pessoal e permite a criação de novas técnicas. Influenciado pelo curso, o aluno passa a encarar tudo pelo ponto de vista econômico. Até uma partida de futebol é analisada economicamente.

As acomodações da escola deixam a desejar e o acesso é difícil, porém lá dentro o relacionamento aluno-aluno é excelente. Os alunos são ouvidos pela administração e desde que tenham razão são atendidos. Quanto ao Diretório Acadêmico Campos Sales, é um órgão de representação dos alunos. Qualquer decisão é levada ao conhecimento destes, e só é posta em prática depois de sua aprovação pelos representantes de classe.

Entende o Roberto que na faculdade o aluno não pode apenas estudar, e a função do Diretório é abrir outras opções, como a sala de jogos, departamento social, além de incentivar a prática de esportes e promover palestras de interesse para a Economia. O Diretório subvenciona como incentivo, 30 bolsas de estudo para o curso de Marketing, e promove cursos de férias.

No campo esportivo há, de praxe, o campeonato interno e nos foi garantido que este ano, o Diretório promoverá o torneio Bicharal da cidade. O departamento social trouxe o ano passado Caetano Veloso, Elis Regina e Juca Chaves. E este ano pretende trazer, com a ajuda dos outros diretórios, "Secos e Molhados".

Como realizações, as primeiras lutas do DA foram a montagem de uma sala de mimeógrafos e máquinas de escrever para suprir a falta de apostilas, e a luta por um melhor horário de aulas.

O Roberto nasceu em Recife mas logo cedo foi para o Rio de Janeiro; depois morou em Santos e 5 anos no CTA, o que garante o bom relacionamento do Diretório Acadêmico Campos Sales com o Centro Acadêmico Santos Dumont.

De Carvalho / Marujo / Aguilar

Entrevista - ETEP

Após a maior luta para descobrir onde ficava a república ocupada pela diretoria do Grêmio da ETEP, encontramos a casa, bem moderna, por sinal, e dentro da mesma o pessoal procurado.

Batemos um bom papo com o Grego, com Ivan Trevisan e com o resto da turma que estava por lá.

O Ivan (irmão do Trevisan de cá) é o atual presidente do Grêmio. Pedimos-lhes então que mostrasse a estrutura da associação de alunos, soubemos que, como aqui, dividem-se em departamentos: Cultural, Esportes, Social e Divulgação.

O departamento de Esportes é o encarregado das uniões inter-escolares, através de competições. Cabe a ele, também, promover as provas internas que são um bom método de se unir uma turma, além de revelar valores. Este é talvez o departamento mais ativo.

O mesmo não acontece com os departamentos Social e Divulgação. Estão em mera fase de estruturação e neles é que podemos dar aquela mão decisiva.

Quisemos saber como levavam a república e soubemos que: a limpeza é por conta deles e, logicamente, vive tudo desarrumado: contrataram uma empregada por Cr\$ 180,00 por mês com a finalidade única de cozinhar; ninguém disse como se lava roupa.

O Grego nos disse (por sinal, quase só o Grego dizia, não deixando, conseqüentemente, os outros abrirem a boca) da situação - semelhante das outras repúblicas.

Basta uma pequena comparação para notarmos que, apesar de estarem mais perto dos bares e das meninas, a turma das repúblicas - enfrenta muito mais complicações extra-escolares do que nós; a começar pelo transporte diário para a escola.

Sobre o trote, o Grego nos contou que é praticamente igual ao daqui, com algumas peculiaridades: as meninas também levam e também dão (trote). Eles acham que os veteranos do ITA tem maior facilidade de dar trote e de conhecer os bichos pois contam com um alojamento único, coisa que lá não tem mais.

A falta de alojamento prejudica também a manutenção da DC pois, apenas nas repúblicas a vivência social é estimulada.

O maior problema enfrentado pelo Grêmio, acima da natural falta de dinheiro, é a apatia dos alunos que esperam tudo da diretoria e não ajudam em nada. Acontece que o pessoal que entra na ETEP é muito novo e não tem ainda personalidade formada para as iniciativas necessárias na participação do Grêmio. Embora, mesmo aqui no ITA, onde somos de uma faixa de idade um pouco mais avançada, encontramos colegas que pouco se interessam pelas atividades do CASD. Outro grande problema foi a extinção dos antigos alojamentos, que como

no H-8, forçava uma maior convivência dos alunos, acarretando assim oportunidades de participação nas promoções do Grêmio.

Por haverem poucas, as meninas tem pequena influência, tanto na escola como no Grêmio. Quer dizer, apesar da participação das meninas não ser boa, algumas são.

Uma das perguntas que fizemos foi se ao terminar o curso técnico quantos deles mais ou menos tentariam o ITA. A resposta, de certo modo até compreensível, indicou a maioria sem a mínima vontade de cursar a nossa faculdade. Alegaram que não valeria a pena esperar mais cinco anos para ingressar numa indústria, mesmo como engenheiro. É claro que nessa decisão entra uma série de fatores de caráter social e até mesmo financeiro, pois muitos deles já necessitam sustentar-se.

Finalmente o Ivan nos contou que além dele que é o presidente e do Grego que é o diretor Cultural, o resto do pessoal não está bem definido. E nós fomos nos mandando por que se chegassemos muito tarde o veteranal pegava a gente.

Para os que ficarem no curso técnico este Grêmio é a última oportunidade de integração estudantil e abertura cultural. Cremos, então, ser dever de todos os alunos do ITA e, principalmente, de nós bichos promover uma comunhão mais estreita e constante com a turma da ETEP.

Galindo / Edgard / Souza Aguiar / Pitta

WEISS

CERÂMICA WEISS SOC. AN.
AVENIDA RUI BARBOSA, 747
CX. POSTAL, 21 - Tel. 21-7955 - 21-7187 - 21-8810
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - 12200
EST. DE S. PAULO

EXPEDIÇÃO E VENDAS

<p style="text-align: center; margin: 0;">SÃO PAULO</p> <p style="margin: 0;">Alameda Jahu, 1022 Telef. 282-4497</p>	<p style="text-align: center; margin: 0;">RIO DE JANEIRO</p> <p style="margin: 0;">Avenida Passos, 101 - Sala 908 Telef. 223-1057</p>
---	--

ENTREVISTA - SR. PIRES

Nome completo

Aluísio Machado Margarido Pires

Qual sua função no ITA? E dentro do CTA?

A minha função é puramente administrativa. Sou o chefe interino da - D.A. (Divisão de alunos), a sete anos mais ou menos (sete para oito). Sou funcionário público, mais precisamente do Ministério da Aeronáutica. O vínculo que tenho com o CTA é o vínculo que o ITA tem com o CTA. Eu como funcionário do ITA estou subordinado ao CTA.

Há quanto tempo o senhor está aqui dentro?

Na divisão de alunos já falei. Na chefia da D.A. estou há mais de 7 anos. No ITA, há 23 anos mais ou menos e no CTA, ou seja, em São José dos Campos há 27 anos.

O senhor podia dizer-nos algumas das outras funções que já desempenhou dentro do CTA?

Inicialmente quando vim para cá (São José) trabalhava na administração de pessoal. Trabalhei alguns anos, até 1959, no serviço de pessoal civil do CTA. Em 1959 fui convidado para vir chefiar o departamento de Admissões e registros. Posteriormente este departamento, com a reforma do ITA em 1964, se fundiu com a então divisão de alunos, ficando só a divisão de alunos. Eu trabalhei na D.A. primeiro com a chefia do serviço de Admissões e registros e depois com a chefia da D.A.

Qual a sua posição em relação ao trote?

A minha posição é uma posição incomoda. Em princípio eu entendo o trote. Mas, como posição: sou contra o trote. E posso esclarecer - bem. Eu sou a favor daquele trote organizado, do trote que é previsto no estatuto do centro acadêmico, enfim deste trote que foi apoiado pela congregação do ITA, pela direção do CTA e faz parte do ITA. O trote que é orientado por uma comissão que nós apoiamos perfeitamente é um trote construtivo. Eu sou contra e frontalmente contra o resto do trote que é quase 90% do trote. Este trote abuso, este trote indisciplina, este trote falta de respeito ao próximo, eu sou frontalmente contra. Com o trote construtivo, o trote da comissão, eu sou plenamente a favor. Acho que esse trote constroi, integra. Então é preciso que fique bem definida duas partes: eu sou a favor do trote e contra o trote. A favor do trote que constroi e contra o trote que destrói. Francamente acho que no ITA o trote destrói mais do que constroi.

O senhor acha que os resultados alcançados justificam os meios usados para alcançá-los?

Indiretamente já respondi a esta pergunta. Essa integração é a tônica forte em que nos achamos, sendo a escola uma escola de âmbito nacional, nós trazemos para o H-8 rapazes das mais variadas espécies, maneiras de ser, índices sociais diferentes, em suma são bastante heterogêneos e precisa haver algum trabalho para que eles se integrem no meio. E a integração não é fácil. Agora tem maneiras de se fazer essa integração melhor do que se está fazendo.

E quanto aqueles que fogem do ITA por causa do trote?

Bom, eu faria desta pergunta, outra pergunta: fogem do trote regulamentar ou fogem do trote excesso? Quando fogem do trote excesso vêm de encontro ao meu ponto de vista. Do trote regulamentar eu duvido que alguém tenha fugido.

Essa posição é a posição oficialmente adotada pelo ITA?

Bom, com relação ao trote, é. Eu comecei falando que o trote perfeitamente regulamentado é apoiado. Não o trote excesso. O trote regulamentado é perfeitamente apoiado.

Qual a relação existente entre o CPOR e o ITA?

Não sei o que vocês chamam de relação. Há obrigatoriedade do aluno do ITA fazer CPOR. Remontando, e eu posso remontar por que estou aqui há muitos anos (desde 46 já disse), surgiu em 1953 mais ou me-

nos, a necessidade de se criar um CPOR aqui. Isto porque os alunos - vinham para São José sem o serviço militar prestado e o que acontecia é que se resolvia a situação. Bom, foi criado o CPOR, se não me engano em 1953, não posso precisar a época. O CPOR ofereceu ao aluno do ITA não reservista a oportunidade de fazer o serviço militar. Funcionou assim até 1971, faziam o CPOR os alunos que não eram reservistas que precisavam resolver a situação militar e aqueles que já eram reservistas, mas que queriam por uma razão ou outra fazer o CPOR e saírem oficiais da reserva. Havia aí o fator monetário que era uma boa ajuda para aqueles que precisavam e também o interesse de - passar a reserva mais categorizada. Em 1971, não posso precisar se - por proposta daqui ou se veio de cima para baixo (por não ter acompanhado os estudos); o Estado-Maior dando uma série de considerandos, consta da portaria inclusive, o interesse da FAB em manter uma reserva altamente qualificada para ela. A partir de 1971, a matrícula no CPOR passou a ser obrigatória e simultânea com a matrícula no ITA. - Exatamente dentro daqueles considerandos que eu argumentei para que o aluno do ITA ao se formar venha a constituir a reserva da Aeronáutica e não a reserva do Exército. Se eventualmente ele era reservista do exército ou da marinha, então a idéia era levar a reserva técnica altamente especializada que é o aluno do ITA para a Aeronáutica.

E quanto a situação dos 6 que não passaram no exame médico? Esses 6 rapazes, que eu não tenho certeza se são 6 ou são 8. Eu tenho a impressão que são 8, mas argumentemos que são 6, não importa quantos, o problema existe desde que fosse 1. Há uma divergência de interpretação. Eu vinha interpretando de uma maneira e a direção do CTA - de outra, talvez mais curta, eu não sei. A partir de 71 quando surgiu a obrigatoriedade do CPOR eu entendi que o aluno aprovado e classificado no exame de admissão, ele teria que se submeter aquele exame médico que sempre teve e se fosse considerado apto seria matriculado no ITA-CPOR, entretanto, caso não fosse considerado capaz para o CPOR dentro de uma interpretação toda minha e de mais alguém. Provavelmente não fui eu em si o autor desta interpretação, não fugindo daquela obrigatoriedade, não a idéia seria para o ITA, se obriga a fazer o CPOR, -mas se tiver algum impedimento de saúde, por exemplo, ele não estaria deixando de fazer por vontade própria mas por um impedimento que não depende da vontade dele. Bom, parece que essa minha interpretação estava forçada, não é a interpretação do ministério, e então surgiu este ano o problema. Está sendo discutido. Um dos alunos requereu ao ministro, para em caráter excepcional ser matriculado independente do CPOR. Estão sendo feitos estudos. A impressão que temos é que o caso será esclarecido devidamente dentro dessa opinião da direção ou seja, eles serão autorizados e se matriculam, e para o futuro, nós veremos como vai ficar a coisa.

Os primeiros boatos que correram fixavam entre 21 e 23 o número dos reprovados no exame médico. O senhor poderia esclarecer algo sobre isto?

Posso falar sim. Inclusive posso falar em 25 e não eram boatos, não. O que houve foi o seguinte. Esses 25 foram feitos exames mais apurados e o número ficou reduzido a 12 ou 13, não me recordo: alguns foram mandados a São Paulo para fazer exames mais especializados, outros foram feitos por um cardiologista aqui mesmo. Então foi se reduzindo o número até que no final restaram 8. Mas no início não era boato.

Almir / Atalécio

LEMBRANDO O ENGRAÇADO

É engraçado como a gente nasce,
resultado da união de correntes de sinais contrários!
É como se por uma máquina para funcionar. Click!...
Meu umbiguinho me alimenta até que ... Nasci!
O leite me alimenta, me sacia a sede, o meu desejo.
Depois, só pela carne vivo eu homem, hipócrita!
Que sequência! Que máquina!
Funcionar não há dúvida que funciono. Viver?
Eu não existo. Nada existe.
"Deus"!
O que é Deus? Isso, pelo menos isso existe?
E existe para quem?
Quem pode dizer que Ele existe? Ele próprio!
Outro Deus ainda mais Deus?
Quanta ironia!
Existir por existir tudo existe,
mas existir por viver eu duvido.
Bando de maquininhas, como é engraçado!
Maquininhas também quebram,
ficam velhas e imprestáveis.
Ou são consumidas, mortas.
É engraçado como a gente morre!

- Nada é engraçado,
só que tu ainda não conheces o amor.

Domingos

VEIBRAS	
VEIBRAS S/A. IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO	
Avenida Dr. Nelson D'Ávila, 1730 - São José dos Campos Tels.: 21-7933 - 21-2036	

O VALE PARA IBANO

um jornal
para quem sabe
o que
quer ler.

editado em são José dos Campos

pela Organização RADIOJORNAL

av. Mário Galvão, 463

telefone 215622 PBX

seminários de engenharia

Dos muitos problemas que a educação brasileira vem enfrentando sem que possa resolvê-los, destaca-se principalmente o ensino deficiente da engenharia e a sua consequência sobre os próprios engenheiros e ao país.

Por esse motivo, sentiu-se a necessidade da existência de coesão entre os estudantes a fim deles mesmos solucionarem tais problemas. Assim foram criados os seminários de âmbito nacional que já vinham ocorrendo desde algum tempo atrás.

Na década passada muitas coisas nas universidades mudaram com a reforma do ensino. Foram extintos os CAs (Centros Acadêmicos) e no lugar deles foram criados os DAs (Diretórios Acadêmicos) cujos estatutos continham uma série de empecilhos frente à participação ativa dos alunos na vida acadêmica.

Mas pouco depois esses DAs foram se restabelecendo e novamente nesta década, os Seminários de Engenharia voltaram às suas atividades.

O primeiro deles tinha um caráter regional apesar de participarem DAs de vários estados, tanto que foi chamado de 1º SERS (Seminário de Engenharia da Região Sul) e foi realizado em Florianópolis em novembro de 1970; o 2º SERS com as características do anterior realizado em Porto Alegre em julho de 1972.

Tal foram os sucessos obtidos que no ano seguinte era realizado o 1º SNE (Seminário Nacional de Engenharia) nos prédios da Escola Politécnica da USP, onde estiveram ativos todos os estudantes de engenharia do país.

1º SNE - Neste seminário participaram por volta de 350 estudantes que foram divididos em grupos de 10 a 15 elementos a fim de discutirem teses previamente analisadas e classificadas como Ensino, Trabalho e Estágio, etc. em dinâmica de grupo.

Cada um dos grupos destes levaram suas conclusões ao plenário, relativos a uma tese. Depois foi efetuado o plenário geral em envolvendo todos os grupos e encerrando os trabalhos de uma semana com um relatório final.

Para dar estrutura e racionalizar as discussões cada grupo contou com um coordenador, um relator e um cronometrista.

Dentre as teses apresentadas destacaram-se as seguintes:

do CA Armando de Salles Oliveira (Campus de São Carlos - USP):

Representação discente na Universidade - o citado problema da criação dos DAs que são controlados pelo MEC; incluindo a lei nº 4464 de 9/11/64, conhecida como lei Suplicy de Lacerda que exige nenhuma dependência ou pena disciplinar aos candidatos a representantes dos DAs. Ela reduz ao mínimo o colegiado, o que consiste num boicote aos alunos.

Pesquisa científica nacional - a imigração interna e até mesmo emigração do país de pesquisadores principalmente por pressões salariais. Em especial à Engenharia refere-se à alta importação de tecnologia (5 bilhões e meio de cruzeiros em 1973) e não possibilidade de desenvolvimento desta tecnologia por imposições externas; problemas de infra-estrutura e criação de tecnologia nacional para atender às nossas necessidades.

A assistência na universidade - condições de sobrevivência aos estudantes para o bom aproveitamento do curso.

do Grêmio Politécnico :

Repúdio ao ensino pago - falta de um planejamento concreto, melhores propostas, divulgação e clareza.

do Centro Acadêmico Santos Dumont:

Pela integração dos estudantes de engenharia; eliminação da mentalidade individualista, alienação dos problemas básicos da comunidade, comodismo, etc.

O problema da integração através da COSE (Comissão Organizadora dos Seminários de Engenharia).

Criação de um periódico que atinja todos os estudantes com publicações restritas a assuntos de divulgação das aspirações e problemas estudantis. Criação de comissões de coordenação de programas culturais e a garantia de maior intercâmbio.

Estas teses particularmente se referem aos problemas encontrados dentro das respectivas Universidades, apesar de tentar serem as mais gerais possíveis.

A tese apresentada pelo CEUE (Centro dos Estudantes Universitários de Engenharia - RGS) constitui uma exceção.

do CEUE:

Destaca um contraste: segundo certos especialistas a relação do número de engenheiros por milhões de habitantes deve ser da ordem de no mínimo 4 mil a 4mil e quinhentos para que um país seja considerado em desenvolvimento. O Brasil está com um deficit de 340 mil engenheiros. No entanto constata-se que o mercado real de trabalho acha-se saturado: como explicar isso? Talvez seja a tecnologia importada. Por fim salienta a necessidade da tecnologia atingir todo o país, ao invés da parcela privilegiada.

O relatório final das conclusões ficou entregue a uma comissão que a publicaria posteriormente.

Nota-se claramente que todas as teses são de importância geral e que estes seminários além de integrar os alunos tem muito a nos ensinar.

Jorge

dartec

DISTR. ARTIGOS TÉCNICOS

desenho - engenharia - pintura
livros técnicos e didáticos

DISTRIBUIDOR DOS PRODUTOS

Letraset - Decadry - Arquimedes - Rotex - Rosenhaim - Kern - Xerox
Polygraph - Dymo - Vetro Mobil - Oxford - 3M - Cópias Heliográficas

REVENDEDOR DO M.E.C.

agora no sistema **self-service**

loja: Rua Rubião Júnior, 228
FONES: 21-0318 e 21-6349
São José dos Campos

A BATALHA DOS ALGODÕES

As dúvidas ainda eram muitas...

Uma decisão havia sido tomada: o programa estabelecido / precisaria ser razoavelmente seguido.

No andar superior da pequena casa, semi-acabado, iniciava-se um desafio. Os meios disponíveis eram mínimos mas eu teria / de extrair-lhes a essência...

O folhear dos livros e apostilas tinha como fundo um silêncio inquietante, nervoso. Minha mente perambulava pelos mais variados e intrigantes caminhos das idéias. Um calendário impiedoso, terrivelmente à vista, atemoriza-me cada vez mais. Uma sensação / irremediável de perda apossava-se do meu espírito, solitariamente pessimista, mas que carregava um projeto quase histórico dentro de si. Coitado!

As dúvidas ainda eram muitas...

Embora estivesse munido de poucos recursos, barreiras / inevitáveis lançavam-se ironicamente na estreita trilha delineada. Já não mais havia o mesmo silêncio: uma imponente e irrequieta caixa d'água dava os ares de sua graça, majestosa, tiranicamente situada no teto, logo acima da velha mesa empoeirada.

A caixa era tida como um deus mal venerado, sinistro pregador de uma irresponsável poluição sonora provocada pelas suas / águas que egoísta e impetuosamente procuravam uma situação mais estável...

A luta continuava, porém com atenuantes...

As dúvidas ainda eram muitas...

Os dias morriam embora reagissem com todas as suas forças. Um deles já estava agonizando quando lembrando-se de que "a vida / não pode parar" decidiu-se que eu trocaria de habitat (qualquer analogia com a posterior condição de bicho é mera intenção.) e assim / "fui conhecer" o primeiro andar.

Inicialmente a mudança agradou-me: não precisaria mais seguir a religião daquele deus... Mas o castigo divino, já previsto, / não demorou a chegar. Surgiram em cena novos inimigos: a televisão; / as marteladas e o concreto de cimento que contribuíam para o acabamento da antiga paisagem...

Os antídotos continuavam os mesmos e as vezes eram seguidos por algumas esporádicas investidas noturnas...

As dúvidas ainda eram muitas...

Eis que surgiu o indesejável dezembro, clamando pelas últimas cartadas mas os jogos terminaram quase que instantaneamente sem que eu lhes dominasse as regras. Uma realidade latente, implacável,

envolveu-me irrevogavelmente. As nuvens de insegurança que ainda pairavam sob minha cabeça necessitavam urgentemente serem dissipadas e foram !... As atitudes meticulosamente ensaiadas foram colocadas em prática, com falhas eu sei, mas o plano deu certo e aparentemente / encerrou-se uma batalha..

As dúvidas ainda são muitas...

Hoje eu medito, analiso, critico-me e chego a conclusão de que realmente não cheguei a terminar nada, apenas adquiri o direito de começar alguma coisa...

NELSON DE SOUZA

**Pergunte
à sua mulher
qual o carro
que ela gosta.**

**Depois venha
se entender
com a gente.**

Antes de tudo queremos contar a você algumas coisas muito interessantes sobre o Karmann-Ghia TC.

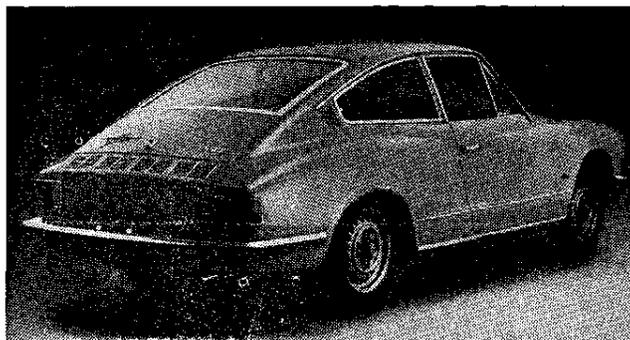
Trata-se de um carro moderno, bonito por fora, luxuoso por dentro.

Um carro jovem com linhas esportivas, traseira em "fast-back" e baixo centro de gravidade - para você não se preocupar com as curvas.

O Karmann-Ghia TC tem motor de 65 cv (SAE) com 2 carburadores e um torque sensacional.

E a mecânica é Volkswagen.

Será por isso que sua mulher gosta tanto dele?
Passe em nossa Revend
saia já com o seu TC e pergunte a ela quando chegar em casa.



DISTRIBUIDORA DE AUTOMÓVEIS BANDEIRANTES S/A.
REVENDEDOR AUTORIZADO VOLKSWAGEN
AVENIDA ENGº FRANCISCO J. LONGO Nº 1595
FONE: 21.4787 - 21.6553 - 21.4940 - CX. POSTAL, 244
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS — SÃO PAULO



ENTREVISTA - REITOR

Procuraremos fazer perguntas que principalmente digam respeito à nossa comunidade. Sr. reitor, estando aqui desde 195...
Dois.

O Sr. conhece o ITA desde os seus princípios, portanto, o que o Sr. acha da comentada crescente militarização do ITA? Existe realmente? Se você chama de militarização transformar o ITA em escola militar, eu não acredito que isto exista, o que o ITA está sendo modificado é para preparar oficiais da reserva da FAB, principalmente para o quadro de engenheiros da FAB, a FAB tem um quadro de engenheiros, então este quadro de engenheiros vai ser abastecido normalmente pelo pessoal que sair do ITA. Este quadro de engenheiros é recente - tem poucos anos de existência, e tem muita falta de oficiais, e que é possível é que haja opções para continuar aqui dentro do ITA, alunos do 4º e 5º anos optem para continuar no quadro de engenheiros mas nem todos poderão ser obrigados a optar porque a FAB não pode oferecer 95 vagas para engenheiros. Esta opção irá existir, mas isto não era na minha opinião militarização propriamente do ITA. Este ano nós esperamos chegar a um bom termo, mas temos o cuidado de não sermos precipitados. Quanto ao CPOR, ele já é obrigatório desde 1971, através de portaria que o regulamenta. Na minha opinião o ITA nunca tornar-se-á uma escola militar.

O senhor, está mais enfronhado no assunto, acharia que as diretrizes a serem tomadas para o próximo ano seriam as mais radicais possíveis, isto é, ou é considerado apto para o CPOR ou não entra simplesmente no ITA?

Não posso responder a esta pergunta, pois como você sabe nós somos regidos por uma portaria ministerial. O ano passado por exemplo era permitido o ingresso de alunos estrangeiros o que já não se repetiu este ano. O ingresso de moças como outro exemplo, é proibido por esta mesma portaria. De uma maneira geral tudo gira em redor dela.

Quais seriam os reais motivos para a não inclusão de garotas aqui? O oficial seria a portaria. Agora, os reais eu não sei quais são, haja visto que eu mesmo sou a favor disso.

Nós também o somos, Se bem que concordemos que haveria certos problemas mas na soma dos prós e contras, nem se fala... Não, não seria impossível? Até acho que uma mulher estaria melhor enquadrada no planejamento de aviões que como engenharia civil. Isto é opinião pessoal. As autoridades são contra.

Haveria, a longo prazo, chances de tal portaria ser revogada? É difícil definir uma resposta, mas acho que a tendência atual é sua permanência. Mas há um regulamento no ITA, ainda não aprovado pela Congregação que fala em "aluno" sem distinção de sexos. Mas isto ainda não foi aprovado. O problema mor talvez fosse o da moradia mas existem professoras e funcionárias morando aqui. Em último caso elas poderiam morar na cidade.

Talvez a integração da mulher na engenharia não diminuisse o sentido do material com que o engenheiro encara a sua profissão? Não seria o ressaltamento do civismo um dos pontos positivos dessa integração?

Primeiramente não concordo com este materialismo. Quando na escola tem-se a preocupação do emprego. Mas, após alcançar a estabilidade cria-se um amor a profissão. É verdade que esse não é o idealismo literário, mas já é algo. Agora, é verdade que em turmas mistas o aproveitamento e a conduta são bem mais razoáveis. Isto é função também de os jovens de hoje assumirem certas obrigações e tomam para si certos problemas muito mais cedo que os de vinte anos atrás.

Seria este um aspecto positivo da evolução da humanidade? Positivo, muito positivo. É verdade que há certos exageros, mas,

em termos gerais, o que se hoje se aprende no secundário, muito de
le eu só fui aprender na faculdade. A própria evolução tecnológi-
ca favorece isto.

O engenheiro de agora e o de vinte anos atrás: alguma evolução no
seu papel na comunidade?

Houve, é claro. Naqueles tempos tínhamos só projetos de construção.
Nada no tocante a máquinas e dispositivos eletrônicos, o que já
não acontece hoje. Claro que a influência estrangeira ainda é gran-
de mas é assim que se caminha. Corrigindo o errado e procurando as-
similar o correto. E é aí que entra o ITA. Devido ao interessante
exercício de laboratório e projeto, o engenheiro por nós formado
está apto a cobrir estas falhas.

E quais seriam as razões que levariam o aluno, o engenheiro forma-
do pelo ITA, a vencer com maior facilidade a batalha lá fora?
Frequência obrigatória de aluno e professor. A de professores an-
da fraca.

Já que o senhor não acredita no império do materialismo, como ex-
plicaria a atual contestação mundial, que é do desagrado da maioria?
Este conceito não é universal. Aqui mesmo, se formos até um daque-
les que nós achamos serem pobres, talvez constatemos que ele está
satisfeitíssimo com a sua realidade.

O mundo estaria então no rumo certo?

Eu não posso aqui julgar o mundo. A vida é formada de uma série de
transformações. As duas grandes guerras, que eu tive a oportunida-
de de assistir e mais de uma dezena de revoluções no Brasil foram
suficientes para abalar a minha fé no mundo atual. A priori, se
lembrarmos que mesmo povos inteligentíssimos, como os gregos, co-
metiam absurdos como o de manutenção de escravos. Romanos, fení-
cios, babilônios, todos os tiveram. Hoje são poucos os casos rema-
nescentes. O mundo evoluiu no sentido de que hoje em dia não há a
necessidade de ser um grande guerreiro, mas sim um grande homem,
própriamente dito. A guerra americano-soviética, por exemplo, nun-
ca sairá. A própria evolução das comunicações reforça esta tomada
de posição, mas a base de tudo, na minha opinião, continua sendo
a família.

Então o Sr. consideraria digamos esses sequestros de aviões e es-
sas frentes palestinas como sendo uma exceção ao mundo atual e
não uma consequência desse progresso técnico?

Sim. Aliás, alguns sequestros são muito mal feitos, por principian-
tes e estrepantes. No Brasil não há sequestro. A ordem, se pousar
alguém, é furar os pneus, que eu acho certa. Houve um caso no Rio
em que o piloto conseguiu conversar com a torre e demorar com os
sequestradores até desistir. É difícil existir um louco que estou-
re um avião com ele lá dentro. Agora, o que há na Palestina (nos
países árabes) é aquela vontade de país que ficou muito tempo atra-
zado e de repente ficou muito rico, e a medida que vai se adiantan-
do, vão surgindo essas brigas. Ninguém há trinta anos atrás falava
em independência da África. Houve também o problema da América do
Sul, no século passado. O Peru chegou a ter com a civilização in-
dígena bem adiantada, um tipo de império que influenciou o Brasil
e as guerras entre os países da América do Sul. Na África, a ex-
ploração do petróleo pelas grandes empresas cria esses problemas.
Houve alguns morticínios sem explicação, como por exemplo aquele
das olimpíadas. Mas a primeira guerra mundial, que teoricamente
foi motivada pela morte do filho do imperador da Áustria, já esta-
va para estourar. Esse incidente foi só uma gota de água numa xi-
cara cheia. A última guerra foi diferente, pois Hitler tinha inten-
ção de dominar o mundo inteiro mas acabou sendo dominado. Atualmen-
te as províncias não podem mais aguentar esta situação. O Brasil
não podia exportar nada na época de D. João VI. Depois começou a ex-
portar, ter indústria própria, mas não há progresso repentino. Sem
técnica não há progresso algum. O técnico é de fato o engenheiro
e sem ele não há progresso. Ele tem que ser ajudado pelo físico,

pelo matemático, pelo médico, etc. mas quem faz o progresso de fato é o engenheiro.

Como o Sr. situaria o ITA no Brasil e no plano internacional? O ITA devido a sua estrutura de ensino, e suas características, - como por exemplo, método de ensino e laboratórios, não tem similar no Brasil. Mesmo no estrangeiro observa-se o interesse de alunos de lá em virem para estudar no ITA, dada a reputação que este tem mesmo em diferentes pontos no globo.

Estaria havendo alguma queda no nível de ensino do ITA? Creio que não, percebe-se isto facilmente observando-se o constante interesse de firmas estrangeiras em alunos do ITA, apesar de que a indústria nacional absorva todos estes profissionais.

Qual seria a "receita" para o máximo aproveitamento do curso que faremos nos próximos cinco anos?

Estudar, procurar um estreito relacionamento com o professor e estudar. Além disso procurar praticar atividades esportivas.

Lauro Ramos / Milton Vila

Mudança

A mente bloqueada pela vida que se entupiu num momento. O pavor que surge de toda parte, para tudo, para nada que vem de algo antigo, sem cor e sentido. Sentindo a luz que acende ao lado, no quarto, no quarto ao lado. Que aquece e seca a lágrima salgada e saudosa, brotada de um mar agitado, revoltado, incapaz de suportar o barco estranho. A luz lá vai, adentra na água turva, quebra o "iceberg", envolve o vento intruso. Quem quiser, aí está, a metamorfose continua de uma clareira transbordante, ôi lá, a terra do benvirá.

Luna

O RIO

Existia uma região onde todos viviam felizes.

As árvores, as flores, os campos, tudo era belo.

Até que um dia aconteceu um terremoto de pequenas proporções mas o suficiente para fazer aflorar na superfície a água de um lençol subterrâneo.

A pequena bica começou a descer montanha abaixo.

Todos gostaram muito pois poderiam apanhar água potável bem perto.

Mais abaixo encontrando com bicas de outras fontes ia se tornando cada vez mais volumoso.

Lá agora lavadeiras utilizavam sua água para suas roupas.

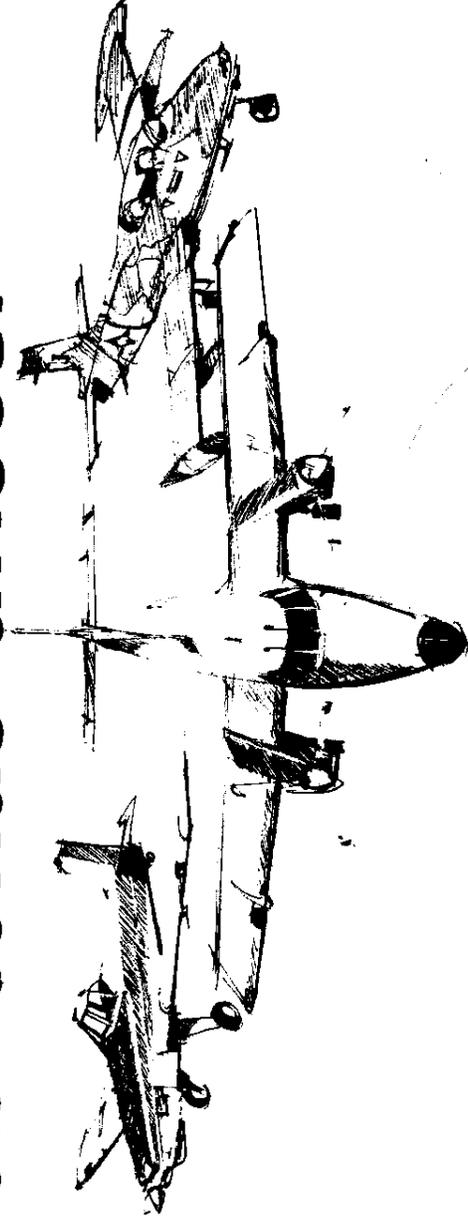
E cada vez que ele ia crescendo apareciam novas utilidades, usinas hidroelétricas, navegação, irrigação e várias outras coisas, todos ao longo de seu caminho gostavam muito dele, e ele se tornava cada vez mais útil.

Mas houve uma tempestade e o rio transbordou e destruiu muita coisa. Agora ele vai arrasando com tudo o que encontra, pontes, lugarejos...

Ninguém mais o detém.

Rubens

**Tecnologia brasileira
fabricando aviões.**



EMBRAER

EMPRESA BRASILEIRA DE AERONAUTICA S.A.
CAIXA POSTAL 343/12 200/SAO JOSE DOS CAMPOS/EST DE SAO PAULO/BRASIL

a dança das horas

- 1 h 20 min - É um corpo vivo, um algo livre.
1 h 30 min - Um corpo ainda vivo, um algo ainda livre.
2 h - E vem um pequeno arranhão. Uma ligeira dor, apenas.
3 h - Mais outro arranhão. A dor vai chegando, - bem lentamente.
4 h - É um corpo atacado. Um corpo dorido, um corpo sofrendo.
5 h - A dor se alastra, o medo o domina.
5 h 30 min - Um corpo sofrido, é um corpo morrendo. Ao som da corneta tocando vitória...

Bretternitz

Simp

SISTEMAS, MÁQUINAS E PAPEIS LTDA.

REMINGTON RAND - ASCOTA - PRECISA - HERMES - REX ROTARY - 3 M
PAPEIS CHAMPION - CALCULADORA ELÉTR. SHARP - MÓVEIS CIMO - ZORNITA

MÁQUINAS DE ESCREVER, CALCULAR, SOMAR --- FOTOCOPIADORAS --- RETRO-PROJETORES
DUPLICADORES --- MÁQUINAS OFF-SET --- PAPEIS CORTADOS --- PAPEIS HELIOGRÁFICOS

ASSISTÊNCIA TÉCNICA - PEÇAS E SERVIÇO
fones: 210037-211460-219424

RUA MAJOR ANTONIO DOMINGUES, 128 -
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SÃO PAULO